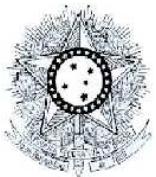


**Discurso proferido na sessão de 12 de julho de 1961,
publicado no DCN-2 de 13 de julho de 1961, páginas 344-350.**

O SR. JUSCELINO KUBITSCHEK – (Lê o seguinte discurso) – Senhor Presidente, Senhores Senadores.

Desejo, antes de outras palavras, expressar os meus agradecimentos, ao povo goiano que, atendendo à generosa iniciativa dos partidos políticos do progressista Estado que hoje me orgulho de representar nesta Casa, houve por bem julgar-me, por significativa votação, digno da investidura que neste momento recebo.

Devo aos meus amigos de Goiás – cuja fidelidade quero proclamar e cujo sentimento de solidariedade para com o homem fora do poder merece que eu exalte devidamente; devo ao eleitorado que tudo me deu, quando nada podia receber de mim, a todos eles devo aquilo de que mais precisava, nesta hora de minha vida pública – esta tribuna livre do Senado – de onde me será facultado explicar-me, sempre que necessário – e, o que importa mais do que tudo, defender as idéias, os princípios, as teses que no meu entender estão ligados ao nosso próprio destino nacional. Não me movesse a intenção de lutar pelo que julgo de capital importância para a nossa Pátria, e teria cedido à tentação de dar por encerrada a minha vida pública. Minha presença aqui é o epílogo de uma longa luta íntima, de um verdadeira diálogo interior. Já atingira a Presidência da República; esforçara-me em cumprir promessas bem mais do que podia, do que me preveniam as advertências, do que me indicava a prudência traduzida pelos conselhos dos que achavam ter eu adquirido o direito de cuidar um pouco mais de minha saúde, posta a duras provas por um esgotante trabalho, durante quase um decênio à frente da administração do meu Estado natal de Minas Gerais e da Nação brasileira. Se aqui estou a falar-lhes, se disputei uma eleição ao Senado da República – na qual não economizei forças visitando quer os centros mais populosos, quer os lugares mais distantes e de menor densidade demográfica da terra goiana – é porque me convenci de não ter soado ainda a hora ambicionada de tornar-me simples expectador de nossa vida republicana; é por não ter podido resistir aos que me pediam que continuasse na luta, aos que para mim se voltavam a dizer-me que muito havia para fazer; que a tarefa estava longe de dar-se por concluída; que a democracia necessitava da colaboração de todos para firmar-se; e que a batalha pelo desenvolvimento que mal se iniciara no Brasil, se expunha ao perigo

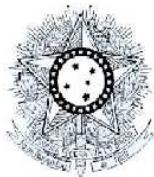


de incompreensões e negações de alguns prestigiosos teóricos, cuja visão lhes vedava considerar a grandeza do Brasil e a consequente magnitude de seus problemas.

Não deixará de chegar o momento em que, dissipadas as vozes dissonantes, cessadas as ásperas polêmicas, silenciados pelo esquecimento os ressentimentos oriundos do entrechoque de paixões – se tornará mais lúcida a consciência de que agiram bem aqueles que não se detiveram na decisão em dar ao Brasil uma infraestrutura que permitira a construção de um grande país, o seu reajustamento e reequilíbrio econômico e, o que é primordial neste momento do mundo, a aceleração de nosso desenvolvimento. (*Palmas*). Nenhuma razão é mais forte do que a nossa obrigação de andarmos mais depressa para não sermos condenados definitivamente àquela já mencionada retaguarda incaracterística em que se arrastam os países sem destino.

A necessidade da aceleração do desenvolvimento, a urgência do desenvolvimento é uma contingência da hora que atravessamos, tão particularmente perigosa para os países nas condições do nosso – de imensas proporções geográficas, com sensível e grave desnível de fortuna entre as diversificadas regiões que o compõem.

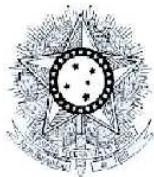
Não acho oportuno examinar agora as razões que me levaram a imprimir um caráter consentâneo com a premência dos meus objetivos no campo econômico e financeiro. Quero apenas reafirmar que creio hoje, mais do que ontem, ter andado de acordo com a prudência e o supremo interesse da nacionalidade emitindo, não dinheiros, mas vinte mil quilômetros de estradas, 320 mil veículos automotores; 1 milhão e 300 mil toneladas, a mais, de aço em lingotes; mais de 2 milhões de toneladas de cimento; emitindo volume incomparavelmente maior de petróleo, fertilizantes, metais não ferrosos, emitindo Furnas, Três Marias, a indústria pesada, a naval, a de tratores, a química de base; emitindo, enfim, a infraestrutura que delimita a época de nosso progresso lento, condicionado, do tipo colonial, marcando o início da era de nossa soberania econômica. (*Palmas prolongadas*). Essas emissões foram o preço que pagamos para imprimir novo rumo ao Brasil e possibilitar a solidificação de sua unidade. Tivesse o meu Governo evitado crias as bases do desenvolvimento; não houvesse optado pela industrialização do Brasil numa hora em que tínhamos de nos decidir pelo rumo a tomar; tivesse eu deixado de enfrentar dificuldades e problemas de algumas partes do Brasil que ainda pelo seu atraso e abandono davam a impressão de viver as primeiras horas da criação – não tivesse assumido tantos riscos e, transcorridos os cinco anos de meu governo, não teria a compensadora oportunidade, que agradeço à Providência, de passar ao meu sucessor,



não um país decadente ou falido, mas nação em marcha integrada na sua finalidade de tornar-se uma nação desentrevada, com perspectivas magnificas pela frente, nação restabelecida na confiança internacional pelas demonstrações de vitalidade que ofereceu ao mundo. (*Palmas prolongadas*). Tivesse o meu governo permanecido paralisado pelo medo de agir, preso a uma política econômico-financeira internacional que parece objetivar a manutenção do privilégio de as nações desenvolvidas se fazerem cada vez mais ricas e, em contrapartida, dificultar o impulso criador das que se vêem obrigadas a defender a própria existência independente através de uma enérgica política de crescimento, expansão, enriquecimento; tivesse o meu governo, Senhor Presidente, permanecido inativo, contemplando as selvas, negando aos habitantes das zonas desprotegidas e pobres a promoção de condições para o trabalho – trabalho que é reconhecidamente um direito de cada homem – tivesse eu ficado a ver escoarem-se tranquilamente os 5 anos de meu mandato, e não haveria, sem dúvida, suscitado tanta polêmica, despendido tantos esforços, mas faltado a meu dever diante das novas gerações e do grande Brasil, que há de vir, sejam quais forem os obstáculos que se lhe oponham.

Já tive ocasião de dizer, Senhor Presidente, que poderia apresentar uma série de argumentos, de números, de provas que dariam base mais formal ao que estou asseverando agora. Basta-me, entretanto, nesta hora em que inicio a minha ação no Senado, reafirmar que o Brasil merece que o olhemos de maneira mais ampla e que lhe poderia ser fatal submetermo-lo a um ritmo desenvolvimentista lento.

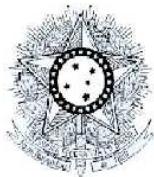
Dou Graças a Deus por ter feito com que no meu governo soasse a hora da partida para novos rumos. Dou Graças a Deus por ter encontrado amparo na fé e na compreensão do povo. Não foi fácil realizar a obra que levamos a efeito. O auxílio de fora foi escasso – excetuada a colaboração de algumas empresas privadas. Enfrentamos ainda a indiferença norte-americana. (*Palmas prolongadas*). A nação pioneira, que tanto admiramos nem sempre, através de seus agentes oficiais, aceitou com simpatia que avançássemos o sinal que têm os pobres no estado de pobreza. (*Palmas*). O esforço despendido – salvo com reduzidas ajudas – foi todo ele de brasileiros, de nós próprios. Encontramos técnicos e operários; encontramos recursos humanos para dar início à nossa revolução pacífica, para dar emprego à energia de nossa gente – que não se resignava a permanecer de braços cruzados enquanto a natureza violenta, transbordante, impunha a sua lei em grande parte do território Pátrio. Outros povos se vinham tornando



mais atualizados e condutores deste tempo; os espaços siderais começavam a ser desvendados e percorridos pela criatura humana; a tecnologia aumentava progressivamente a produtividade, permitindo que os bens de consumo satisfizessem a um número sempre maior. Desgraçadamente, as atividades que visavam a destruição também se multiplicavam. Leste e Oeste investiam somas fabulosas nos seus engenhos destruidores acumulando possibilidades de uma guerra de extermínio. E enquanto isso tudo se verificava – devíamos pacientemente esperar; não tínhamos sequer o direito, sem que gritassem – loucura! – de rasgarmos a selva ou construir pontes para permitir que os frutos do duro e probo labor do nosso homem, e também ele próprio, circulassem no território da pátria comum; nem o de aumentar o nosso potencial elétrico, ratificar e estabilizar o curso dos rios; nem estimular a industrialização. Mandava a regra do jogo econômico-financeiro estabelecida pelo capitalismo desumano que nos limitássemos a lidar exclusivamente com matérias-primas e outros produtos primários. (*Palmas*). E enquanto assim nos mantivéssemos – quietos, resignados – Senhor Presidente, lograriamos o prêmio de exportar cada vez mais e ganhar cada vez menos; isto sem falar na suprema felicidade de vermos nossos produtos naturais suplantados pelos frutos da tecnologia, pelos milagres da química e da física moderna.

Felizmente, a obediência aos comandos que nos impunham recesso, sonolência, perigosa passividade não foi seguida, acatada, considerada justa e compreensível. E não só materialmente tocamos nos pontos críticos de nossa estrutura para fortificá-los, como recebemos e seguimos as inspirações de um novo espírito afirmativo, e nos deixamos contaminar pela ambição mais nobre, pelo sopro de revolução do desenvolvimento em que se contém o objetivo de libertar os brasileiros de uma pobreza crônica, pobreza que vem mantendo milhões de patrícios nossos, de homens como nós – os mais heróicos e os mais desamparados dos brasileiros – numa sujeição total, numa trágica e inqualificável estagnação.

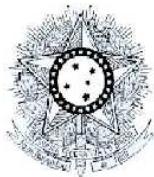
Aqui estou, Senhor Presidente, para confessar a minha parte de culpa nessa revolução do nosso tempo, nessa insubmissão a cânones e preconceitos que impediam a marcha do Brasil para uma nova etapa de sua existência. (*Palmas. Muito bem*). Sou réu confesso dessa trama libertária. E foi por assim considerar-me que abandonei o repouso no estrangeiro e vim submeter-me ao julgamento dos meus concidadãos no pleito livre que se verificou em Goiás e me conferiu a honra de ser um dos Senadores da República. E não apenas em Goiás ouvi sentenciarem os meus mais qualificados juízes. Ao pisar o



querido solo brasileiro – a encantadora e admirável cidade do Rio de Janeiro – absorveram-me os cariocas de maneira calorosa e inesquecível. Visitando o meu Estado natal – Minas Gerais – multiplicaram-se também, traduzidas pelos aplausos populares, as provas de que não traí nem faltei aos votos dos mineiros que tanto contribuíram para fazer-me Presidente da República. E em São Paulo ainda mais reconfortantes foram as demonstrações de que o povo julgou não o ter eu decepcionado. Exatamente em São Paulo – onde obtive, no pleito de 1955, uma votação insignificante, - foi que, há poucos dias, inesperadamente recebi uma das mais espontâneas, comoventes e generosas consagrações de minha vida de homem público.

Quero prometer ao povo, mais uma vez, que não o decepcionarei, não lhe faltarei com o meu apoio, a minha solidariedade, a minha viva atenção e até mesmo o meu sacrifício. Peço que me escuse, Sr. Presidente, peço que me escusem os eminentes Senadores por relembrar eu próprio o que ocorreu na minha volta ao Brasil. Bem sei que essas manifestações não se dirigiam a minha pessoa, mas espelhavam a maneira de o povo brasileiro exprimir a sua decisão de não se deter na marcha empreendida pelo Brasil para a conquista do lugar que merece no mundo. (*Palmas*). Não fui eu o aplaudido, mas a revolução do desenvolvimento. E além disso, e tanto quanto essa revolução da vontade de vencer e expandir-se, o que a opinião nacional reflete nas suas manifestações é a determinação de continuar livre, de que seja consolidada a Meta democrática que em meu Governo se levou a efeito. (*Muito bem*). Exaltando um homem descido do poder, sem nenhuma situação oficial, a quem nada mais é dado oferecer, a fidelidade do cidadão anônimo mas consciente consagrava uma política de concórdia, de tolerância, de paz, de garantias constitucionais, de obediência à lei, de respeito ao adversário, mesmo aos mais inclementes, de paciência em dirimir conflitos, de resistência a todas as seduções. (*Palmas. Muito bem*). E aplaudiu a isenção, a imparcialidade com que um político presidiu a um pleito em que estava em jogo não só o seu Partido, mas muitas e caras afeições pessoais. O que o povo consagrou não foi – bem o sei – a minha pessoa, mas toda uma conduta de respeito ao juramento e aos compromissos de acatar os direitos políticos, a vontade soberana das urnas, as instituições que devem permanecer intocadas na sua liberdade porque representam a conquista de nossa maioridade como Nação.

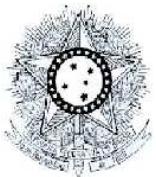
Vejo, Senhor Presidente, que começo a alongar-me, mais do que era minha intenção, neste primeiro pronunciamento, que desejei afirmativo mas sucinto, e ainda não



me referi aos rumos que irão nortear minha conduta nesta Casa. Também em tal sentido procurarei ser breve.

Em primeiro lugar serei fiel e vigilante no que toca ao binômio democracia e desenvolvimento que orientou a minha administração e a direção política que segui de maneira inflexível. Estou decidido a colaborar em tudo aquilo que se ligue ao progresso e à solidificação das liberdades públicas e franquias democráticas. Espero não ser necessário combater qualquer espécie de atentado a essas duas aspirações da Nação: mas não hesitaria em contribuir com o meu protesto e vigilante zelo, se alguma ocasião se apresentasse menos tranquila, ou se ameaça houvesse ao que reputo de fundamental importância para o bom nome e a prosperidade nacional. (*Muito bem. Palmas*).

Creio que é também de meu dever dizer alguma coisa acerca da política internacional do Brasil. Dediqeui muita atenção a essa política. Fui incansável partidário de um entendimento que favorecesse a criação de um ambiente propício à paz entre os povos. Na minha administração se realizaram negociações para o início de um intercâmbio entre o Brasil e países de que estávamos até então inteiramente separados. Recebi inúmeros Chefes de Estado. Bateu-se a política externa de meu governo pela independência e autodeterminação dos povos, mas atribuí sempre um valor muito particular ao nosso Continente. De acordo, e em harmonia com as demais nações americanas, pareceu-me que tinha chegado a hora de estabelecermos um diálogo franco e honesto com os Estados Unidos, que se mantinham distantes de sua família regional e a ela desatentos, dando-nos um tratamento que levara o então Senador Kennedy a dizer, em discurso famoso, que éramos considerados pela grande República do Norte uma espécie de fundo-de-quintal. A urgente necessidade de procedermos a um exame de consciência a respeito do pan-americanismo, a criação de uma nova política para a nossa família regional, tudo isso constituiu o fundamento da Operação Pan-Americana, movimento histórico indestrutível que meu Governo deixou em pleno processo de evolução, depois da inegável vitória de princípios e do reconhecimento da procedência de nossas teses na Conferência de Bogotá. A Operação Pan-Americana era tão oportuna e os acontecimentos que a inspiraram tão prementes, que os Estados Unidos tiveram de abandonar o seu alheamento para com as nações latino-americanas, e adotá-la, muito embora sob a denominação de “Aliança para o Progresso”. Mas que importa tudo isso, se as idéias nasceram de fato da Operação Pan-Americana? (*Muito bem. Palmas*). Não nos preocupa a manutenção de um nome que a história diplomática do Continente já



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História – Brasília, 50 anos

consagrou. O que defenderei aqui, e em toda a parte, é a luta que a OPA propôs, é a presença ativa do Brasil na política deste hemisfério, é a união das Américas para um desenvolvimento harmonioso e conjugado, indispensável à nossa preservação regional e à democracia. Nesta minha primeira presença em tão alta tribuna, Senhor Presidente, reafirmo a minha fidelidade à política americanista, que caracterizou o meu Governo.

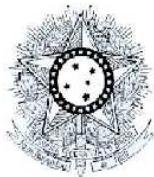
Não posso terminar, sem ressaltar mais uma vez a honra que tenho em pertencer ao corpo legislativo de meu País. Sem parlamento não há democracia, não há liberdade. (*Muito bem. Palmas*). Não esqueço que devo esta posição, tão dignificadora, aos eleitores goianos e aos Partidos que me apoiaram. A uns e outros reitero o meu agradecimento, assumindo o compromisso de fazer o que está na minha própria vocação, que é dedicar-me incansavelmente ao trabalho.

Que as minhas derradeiras palavras sejam de profundo reconhecimento ao povo de Brasília. Daqui parti no término do meu mandato, cercado da calorosa solidariedade da mais jovem e famosa cidade do Brasil. O último adeus que recebi ao sair para o estrangeiro foi o desta cidade que vi desde a hora em que sobre o seu chão generoso se ergueu a primeira estaca, desta cidade que amei quando era apenas uma aspiração e uma esperança. Guardarei, enquanto me consentir a memória das coisas terrestres, a lembrança de tantas mãos amigas que se estendiam para o gesto de despedida, mãos de gente minha, na quase totalidade mãos de trabalhadores que deram ao mundo um exemplo de tenacidade, de energia, de vontade obstinada, fazendo nascer a nova capital do Brasil, obra irreversível que força alguma deterá, ou destruirá.

Destas mãos amigas, os mesmos acenos afetuosos que saudaram a minha partida se repetiram hoje, no meu regresso.

Meus agradecimentos são, portanto, extensivos à calorosa manifestação que hoje recebi, e desejo com eles abranger todos os homens públicos e cidadãos de todos os pontos do Brasil, que aqui vieram trazer-me sua solidariedade. A Assembleia do Estado da Guanabara, num gesto cordial para com o ex-Presidente, aqui veio trazer o apoio daquela maravilhosa cidade, líder intelectual e cultural do Brasil. (*Muito bem! Palmas prolongadas*).

Quero também manifestar o meu reconhecimento à Assembleia do Estado do Rio – a velha província fluminense que foi o celeiro mais avançado das nossas tradições republicanas, pela representação que aqui mandou. Reitero à Assembleia de Goiás o agradecimento que hoje lhe fiz na cidade de Goiânia, por se ter feito representar nesta



Câmara dos Deputados
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação
Escrevendo a História – Brasília, 50 anos

solemnidade, cativando-o com gesto tão cordial. Agradeço ainda à Câmara Municipal de Goiânia e aos Deputados da Assembleia do meu Estado, Minas Gerais, aqui presentes e que me trouxeram o abraço fraterno do povo mineiro.

Aos ilustres Senadores que, em magníficas orações, me trouxeram a saudação desta nobre Casa do Congresso, saudação que constitui o mais alto galardão da minha vida pública, Senadores Filinto Müller, Benedito Valadares, Barros Carvalho, Lima Teixeira, Argemiro de Figueiredo e Victorino Freire, a todos, neste instante, traduzo meu profundo agradecimento. (*Muito bem. Muito bem. Palmas prolongadas. O orador é efusivamente cumprimentado pelos presentes e ovacionado pelas galerias e tribunas*).